

# Crianças darão nota à bolsa-escola

*Unesco e Unicef, preocupados com o futuro dos alunos que se desligarão do programa, avaliam se houve mudanças na aprendizagem*

Depois de ser avaliado pelos pais, diretores e governo, o programa Bolsa-Escola do Distrito Federal será analisado pelos alunos. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e o Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Infância (Unicef) começam, na próxima semana, uma pesquisa com 500 crianças de 5ª à 8ª série beneficiadas pelo programa.

“Queremos ter uma idéia do impacto da bolsa-escola sobre alunos, principais interessados”, afirma Julio Wiselfisz, coordenador do estudo. O time de especialistas que aplicará os questionários está interessado em saber, principalmente, se houve mudança nos hábitos de estudo das crianças.

Embora os índices de repetência e evasão tenham diminuído consideravelmente entre os beneficiados, não existe nenhuma evidência de que isso aconteceu porque os meninos desenvolveram melhores métodos de estudo. Ou porque passaram a gostar mais da escola.

“A simples presença da criança em sala de aula e o fato dos pais estarem fiscalizando o dever de casa explicaria a diferença nos números”, diz Julio Wiselfisz. Para medir o desempenho dos bolsistas, a Unesco usará dados do próximo Saeb (sistema de avaliação do ensino básico do Ministério da Educação). “Pedimos para que os resultados dos alunos da bolsa-escola fossem separados das médias gerais”, ressalta o especialista.

## CONTROLE

Os pesquisadores também formarão um grupo com famílias que não conseguiram a bolsa-escola por estarem há menos de cinco

anos na cidade. “Iremos reuni-los e trocar idéias a respeito da educação dos filhos”, conta Julio. O objetivo é verificar se a visão que esse grupo tem da escola é diferente da percepção das famílias beneficiadas pelo programa.

## FUTURO

“A preocupação desse trabalho ultrapassa as verificações formais sobre andamento e eficácia do programa, que já foram feitas”, frisa o especialista.

Os pesquisadores querem saber se houve uma alteração significativa em relação à aprendizagem. A pergunta que ronda a Unesco, na

verdade, é a seguinte: o que acontecerá com esses alunos quando se desligarem do programa?

“Se a criança não desenvolver o gosto pelo estudo e a família não incorporar a idéia da importância da educação dos filhos para o seu futuro, quando a ajuda financeira acabar, tudo voltará a ser como antes”, raciocina Julio Wiselfisz.

O resultado do trabalho, que será publicado em março do próximo ano, servirá como carta de apre-

sentação da bolsa-escola pelo mundo. O diretor-geral da Unesco, Frederico Mayor, pretende levar a iniciativa brasileira para países africanos e asiáticos, além da América Latina.

Julio enfatiza que a entidade não poderá financiar um programa como esse internacionalmente. Mas a Unesco oferece assessoria técnica para iniciativas semelhantes.

Segundo dados da entidade, todas os municípios de médio e grande porte da América Latina e Ásia possuem condições financeiras para bancar uma bolsa-escola como a do Distrito Federal. “Somente a África, provavelmente, precise de dinheiro para isso”, admite.

Jefferson Rudy



Noêmia Santos, professora da 4ª série da escola nº 2 do Paranoá: diferenças, para pior, no comportamento e desempenho dos alunos do programa

## RENDIMENTO

A média de evasão no Distrito Federal é de

**6%**

Entre os alunos da bolsa-escola está em

**0,6%**

Ao todo são beneficiadas

**22 mil**

famílias

## DÚVIDAS DOS PESQUISADORES

■ As crianças beneficiadas pela bolsa-escola mudaram seus hábitos escolares? Unesco e Unicef estão preocupados se esses meninos passaram a ter mais método ao fazer dever de casa, gostam mais de ler, prestam mais atenção ou participam mais das aulas.

■ Os pais valorizam a educação dos filhos somente porque precisam do dinheiro no final do mês? A idéia é descobrir se indo mais ao colégio e ficando mais atentos ao estudo dos filhos, esses pais desenvolveram a percepção de que a educação é importante e pode trazer benefícios à família.

■ As crianças da bolsa-escola estão conseguindo aprender tanto quanto os outros alunos? Isso porque o desempenho dos bolsistas costumava ficar abaixo da média. Usando os resultados do Saeb (sistema de avaliação do ensino básico) os pesquisadores poderão comprovar se

houve melhoria no desempenho escolar com o programa.

■ As crianças ensinam aos pais os conhecimentos adquiridos na escola? Ou, então, a família procurou aprender mais para garantir o acompanhamento do aluno em casa e a manutenção da bolsa?

■ O fato do aluno estar mais na sala de aula fez com que ele desenvolvesse um comportamento mais pacífico na hora da diversão? O objetivo é averiguar se a escola tem conseguido transmitir noções de cidadania e tolerância a seus alunos.

■ Qual foi a evolução no pensamentos dos beneficiários do programa em relação à educação e temas ligados à cidadania? Para encontrar essa resposta, será montado um grupo de controle com famílias que não se qualificaram para o benefício pelo tempo que vivem na cidade.

## Participação forçada

A turma de 4ª série da Escola Classe nº 2 do Paranoá poderia, sem dúvida, oferecer pistas importantes aos pesquisadores da Unesco e da Unicef. São 41 alunos — sendo 15 beneficiários do programa Bolsa-Escola. A maioria deles, filhos de pais com, no máximo, o primário completo.

A professora Noêmia Santos faz algumas observações para diferenciar os alunos bolsistas. “Os pais comparecem nas reuniões, mas a gente percebe que é só por obrigação. Ficam no fundo da sala e não dão um pio”, comenta.

Ainda segundo ela, o comportamento dos filhos não é muito diferente. “Temos muita dificuldade em fazer os meninos da bolsa-escola participarem e mostrarem interesse nas aulas”, conta Noêmia.

Mesmo assim, ela acrescenta que, com o tempo, as crianças se soltam mais e adquirem maior confiança para falar na frente da turma.

## FISCALIZAÇÃO

Em termos de nota, as crianças do programa costumam render menos que a média da turma. Cláudio Souza, 13 anos, recebe bolsa-escola e diz que não gosta muito de estudar.

Ele repetiu a 2ª série, antes de entrar no programa, e conta que está pendurado nas notas este ano. Mas Cláudio nota uma diferença. “Da outra vez, minha mãe não ficava de olho. Agora, ela está sempre no meu pé para eu estudar”.

Cláudio passou dois anos fora da escola, quando morava em Riachinho, no Norte de Minas. E mesmo gostando dos passeios organizados pela escola e das aulas “diferentes”, o menino prefere aprender pelos livros. “Assim a gente pode pensar com calma”, justifica. E acrescenta: “A fala da professora, às vezes, é muito complicada”.